

1. Premissas Gerais

1.1. Perspectivas Sociodemográficas

A população brasileira vem crescendo a taxas cada vez menores, tendência que se manterá nos próximos anos. Com isso, espera-se menor contribuição demográfica no PIB diminua na próxima década.

No horizonte decenal estima-se que a população brasileira cresça a uma taxa média de 0,6% a.a., alcançando 221 milhões de habitantes (Gráfico 1-1).²

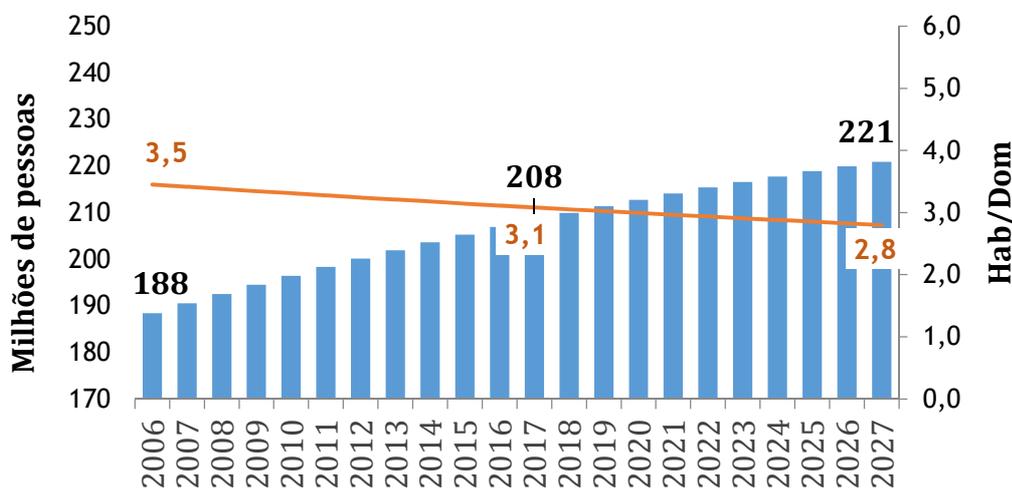
Em termos regionais, é importante ressaltar que, ainda que se espere maior crescimento populacional nas regiões Norte e Centro-Oeste, não é esperada uma alteração significativa na distribuição demográfica, conforme pode ser visto no Gráfico 1-2. Em 2027, a população brasileira deve permanecer

fortemente concentrada nas regiões Sudeste (41,6%) e Nordeste (27,1%).

Em relação ao número de domicílios particulares permanentes, espera-se que estes continuem apresentando trajetória crescente nos próximos dez anos, em virtude das premissas de aumento de renda da população e dado o déficit habitacional existente no País A expectativa é de que haja cerca de 79 milhões de domicílios no Brasil em 2027, um aumento de 11,3 milhões em relação a 2017.

Como resultado de um crescimento superior dos domicílios em relação ao aumento da população, espera-se que ocorra uma redução do número de habitantes por domicílios no período, passando de uma razão de 3,1 em 2017 para 2,8 em 2027.

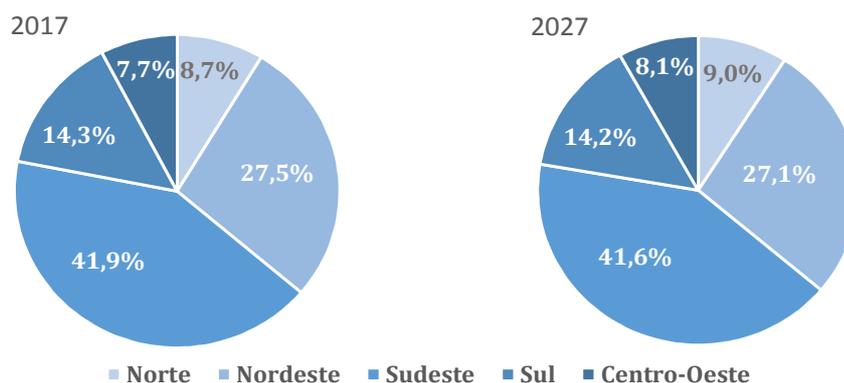
Gráfico 1-1 - Evolução da população brasileira e do número de habitantes por domicílios



Fonte: Elaboração EPE, com base em IBGE (2013).

² As projeções demográficas da EPE são baseadas nas projeções do estudo “Projeções da população: Brasil e unidades da federação” de 2013 do IBGE. Entretanto, é feito um ajuste para mudar a data base de 01 de julho para 31 de dezembro.

Gráfico 1-2 - Evolução da população brasileira por regiões geográficas



Fonte: Elaboração EPE, com base em IBGE (2013).

1.2. Perspectivas Macroeconômicas

ECONOMIA INTERNACIONAL

Foram usadas as projeções de PIB e comércio mundial do Fundo Monetário Internacional³ para os primeiros cinco anos deste estudo.

Para o horizonte decenal, espera-se um crescimento moderado do PIB e do comércio mundial. Entretanto, é importante considerar que existem riscos importantes para a trajetória de interesse, sobretudo, os desdobramentos e impactos da política comercial protecionista adotada pelo governo americano, as questões geopolíticas e o terrorismo.

Os países desenvolvidos devem mostrar recuperação nos próximos anos, entretanto seu crescimento será limitado em parte pela questão demográfica, dado o envelhecimento populacional. Os países em desenvolvimento devem continuar contribuindo significativamente para o

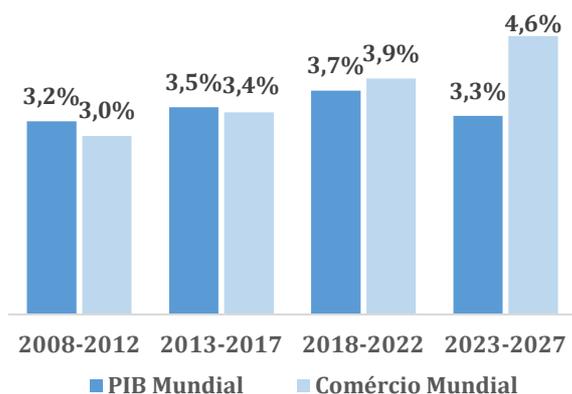
crescimento da economia mundial, ainda que haja expectativa de desaceleração do crescimento destes ao longo dos próximos anos.

Dentre os países emergentes, vale destacar a China, cuja economia passa por um processo de transição, com o objetivo de estimular o consumo das famílias e o setor de serviços em detrimento dos investimentos e da indústria. No horizonte considerado neste estudo, a perspectiva é de uma desaceleração suave da economia em resposta às mudanças necessárias para alcançar esse novo padrão de crescimento econômico. Tais mudanças podem afetar os preços das *commodities*, implicando em impactos na balança comercial de países com forte dependência desses produtos.

Dado esse breve panorama da economia mundial, o Gráfico 1-3 mostra as trajetórias esperadas para o PIB e o comércio global nos próximos dez anos.

³ As projeções mundiais do FMI aqui adotadas foram publicadas em outubro de 2017.

Gráfico 1-3 - Evolução do PIB e do comércio do mundo



Fonte: Elaboração EPE e FMI (histórico)

ECONOMIA BRASILEIRA

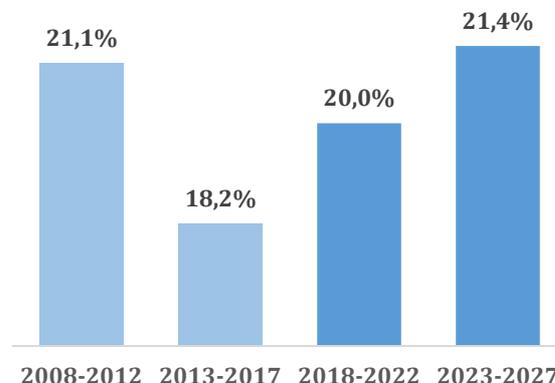
Dadas as projeções demográficas e as perspectivas para a economia mundial, foi construída uma trajetória em que a economia brasileira cresce a taxas moderadas, com recuperação gradual no horizonte 2027.⁴

No curto prazo, espera-se que o alto nível de capacidade ociosa, o bom desempenho da economia mundial e os potenciais efeitos do processo de redução da Selic sobre consumo e investimento beneficiem a economia brasileira. Entretanto, é importante destacar que há um elevado grau de incerteza acerca de como será a disputa eleitoral e a condução das contas públicas. Estes fatores podem impactar significativamente o risco-país bem como o nível de atividade econômica e os desempenhos setoriais.

Ainda no primeiro quinquênio, espera-se que reformas que visem melhorar o ambiente de negócios comecem a ser realizadas, ainda que de forma parcial, impactando positivamente a confiança e o apetite para a realização de investimentos. Dentre eles, destacam-se os investimentos em infraestrutura que possuem impactos potenciais sobre a competitividade da economia brasileira. A taxa de investimento

alcançará cerca de 21% no período 2023-2027 (Gráfico 1-4).

Gráfico 1-4 - Evolução do crescimento da taxa de investimento



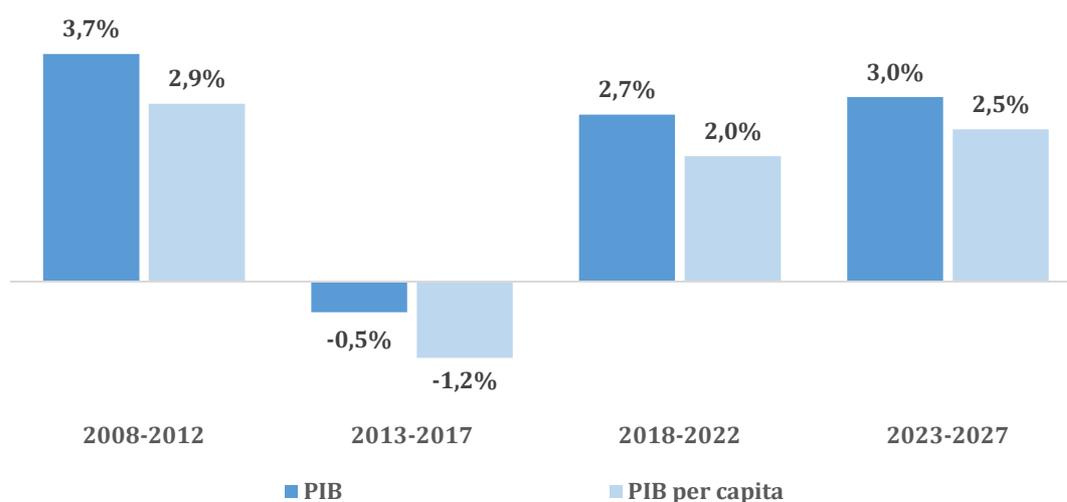
Fonte: Elaboração EPE e IBGE (histórico)

Essa conjunção de um melhor ambiente de negócios com o encaminhamento na solução de gargalos de infraestrutura permitirá um crescimento gradual da produtividade da economia ao longo do horizonte, alcançando um crescimento médio de 0,5% a.a. Tal crescimento se assemelha ao observado entre 2001 e 2010, quando a produtividade cresceu, em média, 0,6% a.a. Cabe ressaltar, contudo, que tal resultado é um desafio, visto que no período entre 2007 e 2016, o crescimento médio da PTF no Brasil foi de -1% a.a. (*Conference Board*). Nesse sentido, é importante frisar que o crescimento potencial brasileiro seguirá limitado por fatores estruturais, como restrições de poupança interna.

Como resultado das premissas analisadas anteriormente, o PIB deve apresentar um crescimento médio de 2,8% a.a., trajetória compatível com a do estudo “Estratégia Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social”. Já o PIB per capita, crescerá, em média, 2,2% a.a., saindo de US\$ 9,8 mil em 2017 e alcançando em 2027 o patamar de cerca de US\$ 12 mil (em moeda de 2017) – ver Gráfico 1-5.

⁴ O cenário econômico pode ser visto com mais detalhes no Caderno de Economia n.1 publicado em fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-280/Caderno%20de%20Economia_vf.pdf>

Gráfico 1-5 - Evolução do PIB e do PIB per capita (% a.a.)



Fonte: Elaboração EPE e IBGE (histórico)

BOX 1-1. QUAIS AS CONDIÇÕES PARA UM MAIOR CRESCIMENTO DA ECONOMIA BRASILEIRA NOS PRÓXIMOS 10 ANOS?

É importante destacar que há muita incerteza no ambiente econômico, o que torna o trabalho de construir cenários desta natureza ainda mais desafiador. O cenário descrito anteriormente foi escolhido como referência desse estudo por ter sido considerado o mais provável. Para além deste, é importante analisar quais fatores poderiam levar a economia brasileira a apresentar uma trajetória de maior crescimento.

Nos últimos anos as expectativas de crescimento econômico têm se revertido para baixo, em virtude de uma recuperação mais lenta do que o esperado e desejado. A incerteza do resultado eleitoral de 2018 e a situação fiscal no horizonte do estudo são os grandes riscos para o cenário. Mas, no médio prazo, as dificuldades de se aprovarem reformas importantes e de se concretizar um ambiente de negócios que propicie uma retomada mais vigorosa dos investimentos são fatores que podem induzir a um crescimento menor do que o proposto neste estudo.

Contudo, este box avalia quais seriam os fatores que levariam a um cenário de crescimento mais forte, já que este significaria um maior esforço para atender a demanda de energia mais elevada.

Um dos principais fatores seria a realização de reformas importantes, permitindo um ambiente de negócios mais atrativo e avanços mais significativos em termos de produtividade da economia. Dentre estas reformas, vale destacar a tributária que simplificaria o sistema brasileiro com o objetivo de torná-lo mais eficiente e eficaz.

Em um contexto de maior credibilidade, os empresários tenderiam a ampliar ainda mais seus investimentos, com impactos importantes sobre o crescimento econômico. Ao mesmo tempo, os consumidores também seriam afetados, com melhorias nos mercados de trabalho e crédito, proporcionando uma recuperação mais rápida da demanda interna.

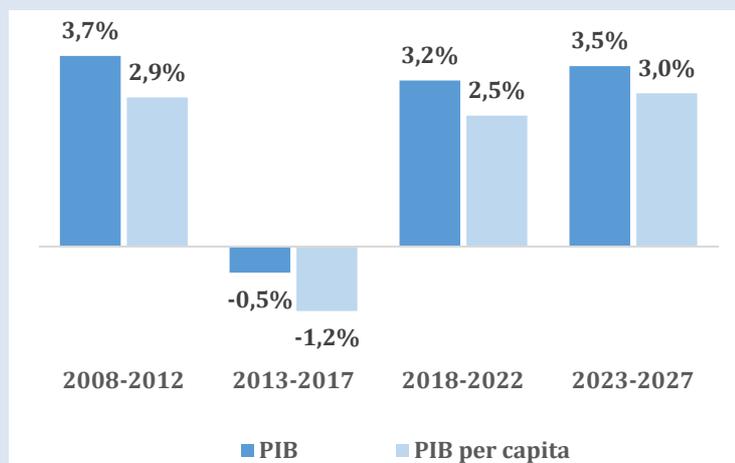
(cont.)

BOX 1-1 - (cont.)

Além disso, com um cenário interno melhor e um ambiente externo mais favorável, seria possível uma redução significativa da taxa de juros da economia, o que impulsionaria ainda mais a demanda interna, seja pelo lado do consumo das famílias como pelo do investimento.

Neste cenário, espera-se que a economia cresça, em média, 3,3% a.a. ao longo dos próximos dez anos, acumulando um aumento de cerca de 38% em relação ao PIB de 2017. (No cenário de referência, o crescimento acumulado é de 32% até o fim do horizonte). Dadas as projeções demográficas, isso resultaria em um crescimento médio de 2,7% a.a. do PIB per capita neste mesmo período. O Gráfico 1-6 mostra o comportamento dessas variáveis nos próximos dois quinquênios.

Gráfico 1-6 - Evolução do PIB e do PIB per capita no cenário alternativo



Fonte: Elaboração EPE e IBGE (histórico)

1.3. Perspectivas Econômicas Setoriais

Na ótica da oferta, o horizonte decenal será marcado por um desempenho mais robusto dos setores voltados ao mercado externo, principalmente a indústria de extração. Ademais, existe elevada capacidade ociosa, permitindo à indústria em geral expandir sua produção próximo às flutuações de demanda e sem necessidade de grandes investimentos. Todavia, os setores mais dependentes do mercado interno, como os serviços, a construção civil, e uma grande fração da transformação, em função da trajetória de recuperação dos condicionantes da demanda, apresentarão

crescimento mais significativo apenas ao final desses cinco anos.

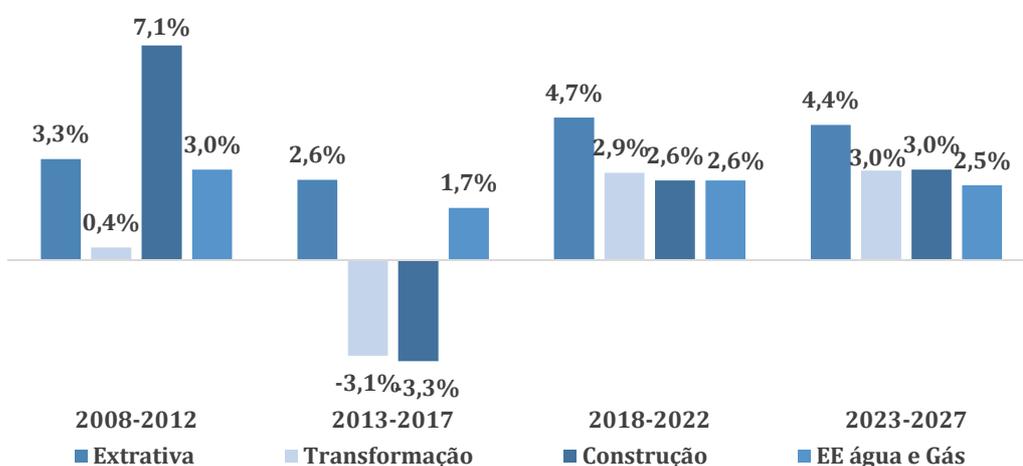
A indústria de transformação também elevará sua participação no PIB, com uma pequena melhora qualitativa em direção a cadeias de valor mais complexas como reflexo das reformas pontuais previstas em nosso cenário. A seguir, se discutirá com mais detalhes as projeções setoriais apontadas nos Gráfico 1-7 e Gráfico 1-8.

Gráfico 1-7 - Evolução dos valores adicionados macrossetoriais (% a.a.)



Fonte: Elaboração EPE e IBGE (histórico)

Gráfico 1-8 - Evolução dos valores adicionados dos setores industriais (% a.a.)



Fonte: Elaboração EPE e IBGE (histórico)

AGROPECUÁRIA

O Brasil se destacou no cenário mundial ao longo das últimas décadas como um grande produtor de *commodities* na agropecuária, posicionando-se entre os principais exportadores de soja, milho, café, carnes, entre outros produtos.

O relatório do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2017), para os próximos dez anos, aponta que há expectativa de expansão da produção de grãos, tanto pelos ganhos de produtividade média (6,8%), quanto pela expansão da área plantada (17,3%).

Segundo o estudo, o complexo de soja, importante produto da pauta exportadora brasileira, terá crescimento da produção de soja em grãos (30%), farelo (20%) e de óleo de soja (24%). Destaca-se ainda o crescimento de outros produtos importantes, como milho (27,9%), café (22,1%) e carne bovina (20,5%).

No horizonte do PDE, se considera que haverá demanda por alimentos e bioenergéticos em função do crescimento populacional, do aumento da renda e da evolução de políticas energéticas no mundo.

Nesse sentido, projeta-se um crescimento médio de 2,7% a.a., resultado este influenciado para baixo pela estagnação em 2018, em razão do efeito base do considerável crescimento de 12,5% em 2017.

SERVIÇOS

Responsável por mais de 70% do PIB brasileiro, o setor de serviços ainda é caracterizado pelo predomínio de atividades de baixa produtividade, baixos salários médios, baixo conteúdo tecnológico e baixa inovação (ARBACHE, 2015).

Com a retração da demanda interna, na crise, decorrente do aumento da inflação, do desemprego, da deterioração da massa salarial e do poder de compra dos agentes, os serviços acumularam queda de 5,3% em 2015 e 2016. Foi a primeira retração na série histórica das Contas Nacionais Trimestrais do IBGE, com início em 1996.

No horizonte do estudo decenal, espera-se uma reversão desse quadro, sem, no entanto, uma repetição do *boom* de consumo visto nos anos antecedentes à crise.

A trajetória de elevação será suave, acompanhando o desempenho da renda e do consumo das famílias, com crescimento mais robusto no último quinquênio. Para o horizonte decenal, estima-se uma média de 2,8% a.a. para os serviços.

INDÚSTRIA

A indústria extrativa brasileira goza de excelente competitividade em função de suas reservas minerais em grande volume e de qualidade superior. A extração de minério de ferro e a exploração de petróleo serão os principais responsáveis pelo crescimento do setor. A mineração, mais notadamente, no primeiro quinquênio, enquanto o petróleo ao longo de todo o horizonte decenal. A extração será o setor de maior crescimento da indústria, atingindo 4,6% a.a. até 2027.

O setor de construção civil e infraestrutura deverá retomar mais lentamente que os demais da indústria. O ramo imobiliário enfrenta, no início do

período, altos volumes de estoques somados a condições de demanda ainda limitadas por conta do nível de desemprego e renda, assim como das condições de crédito restritivas.

A infraestrutura, por sua vez, esbarra na baixa capacidade atual de o Estado arcar com investimentos, uma vez que o cenário prevê que a situação fiscal exigirá um prolongado período de ajuste. Todavia, há elevado potencial de crescimento para sanar os déficits habitacionais, sanitários e os gargalos de infraestrutura, na medida em que as condições ficarem mais favoráveis. Como resultado, se espera crescimento médio de 2,8% a.a.

A produção e a distribuição de energia elétrica, de água e de gás está fortemente associada à atividade econômica e ao uso dos serviços básicos pela população. Espera-se uma evolução gradual do acesso ao saneamento e redução do déficit habitacional, assim como um perfil médio de consumo das famílias com mais eletrodomésticos.

Todavia, há potencial de ganhos de eficiência no setor, tanto na ótica da oferta, quanto no consumo, com equipamentos mais econômicos e mudanças de hábitos. Dessa forma, o valor adicionado do setor crescerá a uma taxa de 2,5% a.a., um pouco abaixo do PIB.

A indústria de transformação é, tradicionalmente, o setor industrial mais dinâmico da economia e engloba a maior parte da produção industrial, fornecendo não apenas produtos para consumo final, como também intermediários para a própria indústria, além de bens de capital.

A presença de capacidade ociosa em função da crise significa que a transformação poderá rapidamente responder aos incrementos de demanda decorrentes do reaquecimento da economia. A média de crescimento desse setor no horizonte decenal é de 2,9% a.a., sendo que o primeiro quinquênio será marcado pela recuperação dos segmentos de demanda mais impactados pela crise, notadamente os bens duráveis.

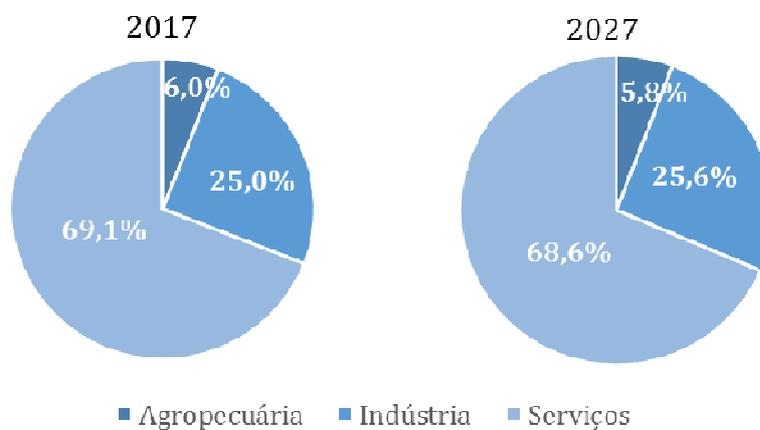
A expectativa de algumas reformas em nosso cenário que reduzam entraves burocráticos e aliviem a complexidade fiscal, ainda que apenas parcialmente, contribuirá para uma elevação de competitividade da indústria no médio e longo prazos.

Dessa forma, se espera que a transformação avance um pouco mais em ramos tecnologicamente mais complexos no segundo quinquênio, ainda que sem uma mudança estrutural significativa.

Refletindo o desempenho dos seus quatro componentes mencionados anteriormente, a indústria geral crescerá 3,1% a.a., com especial contribuição dos setores primário-exportadores, sobretudo a indústria do petróleo.

Há, portanto, um crescimento das participações da indústria e da agropecuária em detrimento de serviços no PIB no horizonte decenal, conforme pode ser visto no Gráfico 1-9.

Gráfico 1-9 - Evolução das participações setoriais no PIB (%)



Fonte: Elaboração EPE e IBGE (histórico)

PONTOS PRINCIPAIS DO CAPÍTULO

- > *A população brasileira crescerá, em média, 0,6% a.a. ao longo do horizonte, alcançando 221 milhões de habitantes.*
- > *Nossa expectativa é que o crescimento médio do PIB nacional seja de 2,8% ao ano ao longo dos próximos 10 anos.*
- > *No curto prazo, o crescimento econômico será possível em virtude dos efeitos da redução da taxa básica de juros e alto nível de ociosidade na economia. Ao longo do horizonte, um crescimento mais sustentado é possível em virtude da premissa adotada de realização de reformas, ainda que parciais, que visem melhorar o ambiente de negócios, permitindo um maior nível de investimentos e um aumento da produtividade da economia.*
- > *Em termos setoriais, nossa expectativa é que a retomada econômica impulsionará os setores mais atrelados à demanda interna (serviços, indústria de transformação e construção civil) a partir de 2019, enquanto os setores primário-exportadores (agropecuária e indústria extrativa) terão bom desempenho ao longo de todo o horizonte.*